

**POEMAS**

De Dércio Braúna

**METAFÍSICA ENQUANTO A MORTE SE ATRASA**

Os poetas estão dóceis.

Os mortos,

jazem, em placas, pelas esquinas,

dando nome aos chãos

do passar de cada dia;

os vivos,

amontoados entre a poeira e as traças,

mal respiram - ainda.

Que destino:

travar-se com a língua,

(o que é dizer com um corpo,

latente coisa)

munir-se até aos dentes com suas farpas;

lacerar a couraça em seus gumes,

espatifar a lira,

forjar outra matéria (ainda língua) depois de tudo,

e findar

dependurado ao alto

no triste afazer de nomear o onde

os homens

não se vêem, não se olham,

não se tocam

senão por trinta dinheiros!

\*

## O LINHO QUE AMARELECE O TEMPO

1.

Eu amava a casa de meu pai.

Não suas paredes cuidadas,  
seu piso lavado, sua cor comum e limpa:  
amava as coisas guardadas por seu nome.

Amava os retratos respeitados às paredes,  
a mobília tranquila e sóbria,  
o cheiro cada qual das horas.

Amava a poeira silente  
sobre os livros,  
o gesto pacífico de meu pai  
ante eles.

Amava as vozes que perdi  
e as palavras que não disse.

Amava no amor contido que devia.  
Amava sem o nome para a coisa amada  
(o amor não se diz quando há).

\*

## **DA CHAMA DO MEU DESESPERO**

Meu desespero  
é este de nunca saber  
se na carne irascível e verbal do poema  
se acendeu  
“o intenso fogo devorador das coisas.”\*

[\*Sophia de Mello Breyner Andresen]

\*

## O QUE SE DEIXA

I.

Teremos aprendido com os deuses  
a deixar para trás  
(somos nós, suas crias, prova disto).

Mas ao contrário dos deuses,  
nossa casa mortal  
(ossatura e memória)  
não sabe deixar para trás  
sem amar o que deixa.

II.

Tenho em crer que os deuses,  
do alto de seu existir eterno,  
são mais tristes que as crias  
(sós) que deixaram para trás.

\*

---

\***DÉRCIO BRAÚNA** (CEARÁ), poeta, bancário e historiador (mestre e doutorando em história social/UFC), com estudos sobre as relações entre história e literatura. É autor de diversas obras poéticas, dentre as quais *A selvagem língua do coração das coisas* [2006], *Metal sem Húmus* [2008], *Aridez lavrada pela carne disto* [2015], *Escrevivências: livro de vidas imaginografadas* [2017], *Esta solidão aberta que trago no punho* [2019]; também da reunião de contos, *Como um cão que sonha a noite só* [2010]; de obras ensaísticas *Uma nação entre dois mundos* [2005], *Nyumba-Kaya: Mia Couto e a delicada escrevência da nação moçambicana* [2014], *A assombração da história: história, literatura e pensamento pós-colonial* [2015], *Sociedade dos poetas vivos* [2018]; e ainda participações em coletâneas (poéticas e ensaísticas), como *Cinco inscrições da mortalidade* [2018], *Resistências escritas* [2019], *Flor de resistência* [2020], *Em torno da narrativa* [2019].